A ÁGUIA

ORGÃO DA RENASCENÇA PORTUGUESA

8

100 rs.

A ÁGUIA

REVISTA MENSAL DE LITERATURA, ARTE, SCIÊNCIA, FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL

Directores: *Teixeira de Pascoaes* e *António Carneiro*.
Secretário da redacção, editor e administrador: *Álvaro Pinto*.

Correspondentes:
Paris—Philéas Lebesgue.
Salamanca—Miguel de Unamuno.

PROPRIEDADE DE "A RENASCENÇA PORTUGUESA"

PREÇOS *(Pagamento adiantado)*

	Avulso	Semestre	Ano
Portugal	100 rs.	500 rs.	1$000 rs.
África e Índia	120 rs.	600 rs.	1$200 rs.
Espanha	60 ct.	3 pesetas	6 pesetas
Estrangeiro	60 ct.	3 francos	6 francos.
Brasil	500 rs. fr.	3$000 rs.	6$000 rs.

PREÇO *dos anúncios* (por publicação)

	Só uma	Mais de uma
1 página	4$000 rs.	3$000 rs.
1/2 »	2$200 rs.	1$600 rs.
1/4 »	1$300 rs.	900 rs.

(Não se satisfazem os pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância. A cobrança é á custa do assinante.)

DEPOSITÁRIOS—No Pôrto—Livraria Chardron de Lelo & Irmão, Carmelitas, Em Coimbra, F. França & Arménio Amado; Em Lisboa—Livraria Ferreira; Rua Aurea.

Á venda no Brasil nas seguintes cidades: Rio de Janeiro, Pará, Manaus, Pernambuco, Baía e Santos; na África, em Loanda, Catumbella e Lourenço Marques; na Índia, em Nova Gôa.

Redacção e administração—R. Elias Garcia, 12, Pôrto.
Tipografia—Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27, Pôrto.

Toda a colaboração é solicitada.
Toda a correspondência deve ser dirigida ao secretário da redacção.

ÁGUAS RELIGIOSAS

época moderna tem sido de exploração e movimento. O pensamento lançou-se numa ávida curiosidade sobre uma natureza cheia de vida e interesse. O ensino religioso dava um mundo demasiadamente pobre para satisfazer o espírito. A harmonia fôra conseguida à custa de amputações duma realidade excessivamente rica e difícil.

Por isso os espíritos com vida própria desertaram da torre de marfim da vida católica para a aventura do indefinido oceano cósmico, aberto a toda a virilidade indagadora.

A dissolução da igreja católica começa, quando, materializado em dogmas, foi adormecido o cristianismo criador, a mais formidável erupção telúrica das forças do espírito.

Desde então o espírito livre, que faz e sustenta a criação, só poderia viver dentro da Igreja crescendo em profundidade, pois que a superfície era petrificada. Só o misticismo permitiria a vida espiritual dentro dos dogmas. Mas esse misticismo teria de esterilizar-se, pois a descida para a profundeza da alma levaria ao coração da Vida, para irromper em inundação e dilúvio de toda a pétrea superfície.

O misticismo teria de ser o primeiro momento interiorizante, de tensão, das avassaladoras forças espirituais, irrompendo conquistadoras, em incontida expansão, até á superfície. Deste modo o misticismo quebraria os dogmas, ou matéria, pelo dilúvio espiritual.

O misticismo seria a lava cristã arrasando os diques católicos. Por isso o misticismo foi considerado herético. ¡Encarcerado dentro do dogma, foi estratificado sob o dogma tornado estéril e morto!

O único caminho do espírito era em superfície, sob as realidades do dogma, olhando-as sob uma mais intensificada atenção. Era sobre a natureza, que o dogma dava morta, mas que a atenção descobria real, fremente e viva.

Forçam-se as portas do mundo pelas viagens de Magalhães e Colombo e pelo pensamento de Giordano Bruno.

A paleontologia do pensamento grego volve-se em fisiologia. Os fósseis helénicos são percorridos por uma nova seiva vital e erguem-se na frescura infantil duma nova aurora. Eis o momento de exteriorização avassaladora. O homem sai do lar para o vasto globo, o pensamento sai do catolicismo para o cosmos infinito. Desvairamento irremediável o prende: A terra é vasta de prodígios,

em delírio o homem os procura incessantemente; o Universo é infinito, nele caminhará o pensamento, sem termo e sem descanço, sem que possa voltar a si, a recolher-se em profundidade e apreensão, de si e do todo, no foco do Ser. O primeiro delírio dá a universal civilização exterior, de comércio e movimento. O segundo delírio estorva a civilização interior, de alma e eternidade. Eis o espírito espalhado, sem aquele excesso permanente que é a sua essencia íntima. O espírito espalhado é a matéria. Mas êle não está de todo perdido, visto que se estende progressiva e indefinidamente. A matéria infinita não é matéria, é espírito. O dado, o feito, o morto não pode ser infinito. Eis a contradição das almas modernas — perdidas num infinito mundo material; presentes nesse mundo, porque só o espírito pode viver em perpétuo excesso e crescimento.

¿Qual será a saída?

Uma única é possível — a apreensão do espírito em si mesmo, no foco imanente da sua actividade criadora. O espírito não deixará que a terra espiritual tombe, como célula morta, dos seus cósmicos tecidos renovados.

A vida espiritual não envelhece, não se deixa invadir pela matéria. O espírito há de irromper, rasgando as penedias do pensado ou morto. Em novos abraços, mais íntimos elos, mais amplos e profundos enleios. A voz da impiedade zomba e um frio nordeste vem dos túmulos do pensamento. Sopra cóleras mesquinhas e enraivadas dos lados do catolicismo, pântano pútrido das eternas águas cristãs. Sopra trovões apagados dos lados da sábia suficiência, estagnada conquista das eternas forças do espírito. O homem espalhado pelo cosmos, perdido pela noite fria e solitária, vai volver a si e envolver um cosmos de amor e fraternidade.

Sopra veemente, em raivas ululantes, o vento do desânimo. Mas, na grata intimidade doméstica, o homem sente o calor fraterno do espírito desperto.

A matéria como que esmaga o espírito, mas, na própria heroica afirmação do espírito perante a infinidade material, êle se garante, viriliza, engrandece e exalta. A vida jorra, contínuamente vitoriosa e criadora; a consciência cresce em virtudes realizadas e, se não se apreendeu ainda em tranquilidade e certeza, é porque não abandona cobardemente um mundo, que pretende iluminar em espírito e verdade.

Mas a maré se anuncia, sem rumores nem impetuosidades.

É uma preamar incessante e silenciosa, um crescimento moral, uma longínqùa maturação. Deixai passar o vento da descrença e da loucura; este oceano não se irrita, as suas ondas envolvem a própria ventania, e a voz do vento raivoso fica logo a ciciar ternuras, a murmurar esperanças. É uma maré interna, um crescimento universal.

¿O peito ergue-se brandamente? É o amor que se infiltra na terra seca do egoismo.

São as águas da Vida; elas brotam suavemente, sem maldades, nem destruições. O seu dilúvio será universal, mas nenhuma criatura irá perecer. As águas da Vida hão-de penetrar os sois e os planetas, sem que a sua luz morra ou se apague.

Mas essa luz espiritual, de dor e humanidade, brilhará consciências em todo o frio, infinito espaço.

Pórto, Agosto 1912.

Leonardo Coimbra

Canção das andorinhas

As azas das andorinhas
São azas feitas de graça...
São tristes, andam de luto...
E' saudade que esvoaça...

Nas azas das andorinhas
O sonho cristalizou...
E' sonho triste a voar...
E' alma que transmigrou...

Andorinhas! Primavera!
A aza é núncia da Vida!
Traz o mistério da terra
Que se vai tornar florida!

Outono... Poentes tristes...
O sonho torna a fugir...
As andorinhas já singram
O azul do mar, a sorrir...

Pôrto, 30 - V - 912.

Carlos de Oliveira

TENTAÇÃO

O PURO

Vizão noctivaga! Cantharida do Cio!
Deixa-me em paz! Adeus! Não sei o que queres
Tão pallida, a sorrir, como a lua do Estio...
Maldita seja a carne e a Graça das mulheres!

Quando eu estou a lêr, como um obscuro ermita,
Em noites de verão que os mortos fazem suar,
Vens até mim, depois rasgas o seio, afflicta,
E imploras: "Padre! resa a missa n'este altar!»

Estrella de alva luz, julguei que fosses Venus,
Mas, hoje, sei quem és: deusa da guerra, és Marte...
Teus raios são punhaes, teus prantos são venenos,
Que sobre mim do céu chovem em toda a parte!

Em vão me occulto, em vão! Escondo-me na terra,
Como de Abel se esconde o seu irmão Caim:
Debalde, ai de mim! Como um clarão de guerra,
Eu vejo, além, acceso o teu olhar sem fim!

Tento fugir, fugir: em breve caio, exangue!
Opponho-me a esse amôr phantastico, extra-humano!
Ai quem me dera, flôr! para apagar-te o sangue,
Chorar sobre o teu corpo as lagrymas do Oceano!

Dás-me o teu reino, dás-me o teu palacio de oiro,
Um leito de marfim para noivarmos, lá!
Eu forte, como heroe, recuso esse thesoiro
E nada quero teu, Rainha de Sabá!

Deixa-me em paz! Adeus! (olha o luar de Estio,
Que linda noite!) Os leões esperam-te na jaula:
Uivam de fome: têm o estomago vasio:
Vae dar-lhes de mamar, Madre Paula do Cio!
Ah, deixa-me que eu sou S. Francisco de Paula...

O LASCIVO

Corpo de eburnea pelle, ó carne de alva infancia!
Entorna sobre mim o teu sangue pizado...
Enlaça-me o pescoço em voluptuosa ancia,
Como se enlaça a corda á gorja do enforcado!

Morde-me o corpo, flôr! Com teus espinhos de aço,
Morde-me o olhar que chora e os labios que dão ais...
Morde-me a fronte, os pés! Arranca-me um pedaço!
Queres auxilio? Pede o sabre aos generaes!

Aguça a bôcca! Afia os dentes como espadas,
Sabá! na pedra amoladôra do meu seio:
E, após as fundas, crueis e vermelhas dentadas,
Chupa-me o sangue a arder, abre-me o corpo ao meio!

Vamos! Trovões! o meu noivado illustre!
A' Carne! á Ceia! A meza está posta, anda vêr:
O céu acceso de relampagos é o lustre:
Nosso padrinho, Deus, já o mandou accender...

Os convidados são os tigres, as pantheras,
Que de Além-Mar vêm assistir ás nossas bodas...
E tu n'aquella orgia olympica de feras,
Devora-me, tambem, fera maior que todas!

Ó meu amor! attende aos meus uivos funereos!
Piedade! Vem! Socega-os: dá mais pasto aos leões,
Grita: façamos acordar os cemiterios!
E os defuntos uivar dentro dos seus caixões!

Quero te vêr, assim, estatelada, nua,
Capaz de seduzir os mortos com desejos...
Ah, que o teu cio chegue aos astros, flôr da Rua!
Que Jesus desça á Terra, a cobrir-te de beijos,
Que o Oceano aperte, emfim, em seus braços a Lua!...

Porto, 1887.

Antonio Nobre

MULHERES DE CAMILO

Vós, mulheres portuguêsas, amai-o sempre, porque Camilo foi o mais carinhoso interprete do vosso coração! Todos os graus do amor, desde que êle não é ainda senão um arfar mais fundo do vosso peito iludido; um olhar mais demorado e já quebrado; uma atitude de cabeça combalida; um gesto de mãos pensativas; uma sombra de melancolia em vosso rosto alegre; desde estes nadas, que são mundos, até ás violencias da felicidade ou da dôr; todos os aspétos: aquelle amor tímido que se esconde, e aquele amor vaidoso que se ostenta; o amor passivo da mulher meiga, o amor consciente da mulher orgulhosa, e o amor explosão da mulher arrebatada; — todos estes modos de ser do mesmo cuidado, que é prazer e dôr, que é morte e vida, Camilo entendeu e exaltou.

Nas mãos dêle andaram os vossos mais bonitos segredos de amor. Vivem na sua obra os tipos perfeitos de mulher amorosa deste amor português que alguns chamam romántico e que eu chamarei divino, porque é divino tudo que não é deste mundo! Vão mudados os tempos, bem sei. O espiritualismo é contido pela análise. A alma de Platão anda arredia das almas modernas; e se dantes os corações devaneavam em quimeras, os de hoje sofream seus impetos no calculo assisado da vida prática. No entanto, ainda por aí freme, em corações môços a ancear de sonhos, muita insistência de raça afectuosa, muito irredutível atavismo de sentimentalidade que rebenta e estruge em gritos de amor fatal! Essas almas compreenderão as grandes amorosas de Camilo.

A Virginia do romance — "Memorias de Guilherme do Amaral" — é o tipo do amor consciente que, amando sem poder inspirar amor semelhante ao seu, tem o orgulho do que vale e da embriaguês de felicidade que poderia levar a quem désse o seu opulento coração. Incompreendidas, essas malaventuradas heroïnas acabam por

amar a sua dôr, e maceram-se a sorrir, bemdizendo o homem mau que as faz sofrer; regeitam consôlos á sua amargura; amam o desamparo como amariam a doce companhia sonhada; humilham-se com gôsto; sacrificam orgulho e dignidade; põem prazer em despenhar-se; e, cercando o amor de superstição e de fatalismo, quedam-se vencidas par se julgarem condenadas por Deus "ao infinito inferno do amor!„ Ás vezes, encontram nos afagos da humildade religiosa o deleite dos seus remorsos serenos!...

A Mariana do — "Amor de Perdição„ — é o tipo do amor inpronunciado, que vive oculto no silêncio da alma e que de si proprio se alimenta. Rebuça-se em mistério; é sua divisa generosidade e desinteresse; e desejando o infinito com um nada se contenta: um gesto, um sorriso, o consôlo de um olhar!... Com um beijo — o primeiro e o último! — dado no cadaver ainda quente de Simão Botelho, a Mariana se considerou paga de uma mocidade perdida!

Grandes figuras de mulheres essas a interrogar o céo, o mar, as coisas, em busca de quem lhes entenda as âncias divinas das suas almas languidas e incendidas, que, por fim, o amor precipita nas catástrofes da loucura ou da morte! E como o escritôr é enorme nesses lances de dôr ingente!: — são sacudidélas bruscas estrancinhando o coração em lagrimas e soluços!

Camilo que tinha, com a penetração das lagrimas, aquele romántico amor á desgraça, estudou como ninguem o amor-paixão que, uma vez estrangulado, nas lagrimas se lava, mata quem o sofre, mas não é vencido. A Isabel do conto — "Como éla o amava!„ — atira-se á voragem do Tamega para se abraçar ao cadaver de João Lobo, e, mortos, noivarem por entre as raizes dos salgueiros comovidos, nas delícias da noite infinita das aspirações de Tristão e Isolda! Essa amantissima Maria de Nazareth, da — "Doida do Candal„ —, a quem um duelo de morte lhe roubara dos braços um amante querido, corre louca, por entre as floridas acácias do jardim que a vira feliz, soltando gargalhadas e uivos asfixiados pelos soluços e pelo pranto. A Albertina, de — "A filha do Doutor Negro„ —, formosa e do mais fidalgo amor, acabou pedindo esmola nas ruas do Porto. A Brites tecedeira, do — "Segundo Comendador„ —, definha-se e envelhece esperando quarenta anos por um noivo ausente, com quem éla, aos vinte, trocara uma certa palavra de amor, por certa noite de luar! A Marta, da — "Brasileira de Prazins„ — , quando não poude mais chorar nem rezar pelo namorado que a morte lhe levara, endoideceu, e a rir dialogava com o morto como se o vira presente, e dizia-lhe palavras tão cariciosas que parecia falar com os labios póstos na face amada! A Terêsa do — "Amor de Perdição„ —, enclausurada no mosteiro de Monchique, ao abrir de uma manhã de primavera que enflorava as colinas do Candal, sóbe, moribunda, ao mirante do seu convento sobre o Douro; e, depois de reler, com olhos já sem lagrimas, as cartas mais ternas do seu namorado — aquelas em que melhor brincava o engano das aspirações felizes; depois de as atar com fitas desenlaçadas dos ramos de murchas flôres tanta vez beijadas; Terêsa crava os olhos num navio escuro

que vai descendo o rio e lhe leva, entre condenados, o seu Simão; crava os olhos e, agitando, por entre os ferros das grades, o lenço branco da despedida derradeira, morre a pensar no seu amado!

E outras, e outras a quem o amor perdeu!

. . . .

Virginia, Terêsa, Mariana, Augusta, Marta, Isabel, Joaquina, Eduarda, Brites, Albertina, Maria da Gloria, Maria Moïsés, Maria de Nazareth — amorosas de Camilo, almas sem ventura, no mar das vossas lagrimas desaguarão sempre as enternecidas simpatias dos que vos entendem!

Oh Camilo dos raptos e das aventuras, dos duelos cavalheirosos em clareiras doiradas, dos namoros melancólicos ás grades dos conventos, dos fados chorados em ruelas a horas mortas sob o luar doente; oh Camilo das entrevistas amorosas de corações comovidos de felicidade, vendo perpassar visões amaveis e sentindo os beijos da aragem perfumada! Muito te devem os espíritos que precisam de se alimentar da graça da vida! Tu alindáste as almas, pois o amor põe sorrisos nas faces dos maus; e porque nos amores romanescos tanto ama o coração como a fantasia, tu, Camilo, tornaste a vida leve embrigando os espíritos em devaneios suaves...

Se, com o andar dos tempos, outra idade vier em que os sentimentos se alterem no sentido de atrofiar no coração a doçura de amar, desenvolvendo no cerebro as frias qualidades do juizo reflétido; se o poder dos afectos passar a ser coisa morta, e a inteligência serena a força única nas relações da vida; emfim, se se chegar á falência definitiva do coração, teus livros, Camilo, ficarão entre os grandes documentos da raça latina para mostrar quanto era meigo e forte — quanto valia! — o amôr de uma mulher portuguêsa!

Antero de Figueiredo

ÁRVORES DE PORTUGAL
Tronco de castanheiro

(De Cervantes de Haro)

MARIA PEREGRINA

Ao Visconde de Villa-Moura

Impressão do seu li-
vro «Nova Sapho»

Ei-la que surge: e, pallida, esmaiada,
A mascara embebida em sonho e alvura
Vem pela sombra e a sombra transfigura,
Do seu sorriso nasce a madrugada...

Já não tem forma, a forma é visionada,
E' uma alma de livida esculptura;
Somnambula, divina de loucura,
Rescende a morte... E' a Vida embalsamada!

Ergue os olhos e a noite agora acima;
Sombra diluida a incensos de mysterio,
Veste um veu de luar, mas luar de alma...

Alma que é abysmo e Deus e azul profundo,
Treva incendiada alando um fumo ethereo:
A Noite Humana a illuminar o Mundo!

Mario Beirão

O VALOR DA VIDA

(Dum conto)

Na doce penumbra silenciosa poisaram os meus olhos na alvura dos cortinados do leito, como num brando nevoeiro a acariciar-me e a envolver-me.

E aquele quarto em que sombras perpassavam, mudas e ligeiras de suaves gestos,—dizia a doçura duma convalescença e quási o silencio pálido e asfixiante duma campa.

Eu adivinhava o Sol e a Vida, lá fóra, pelos fios de oiro raro que atravessavam as frestas das altas janelas cerradas e vinham poisar sobre o meu leito.

E como dum outro mundo, do Sol e da Vida, chegavam até mim os ruídos longínquos e embaladôres.

Era como se boiasse à beira dum vasto rio que meus olhos não viam, mas que escutava rolando indefinidamente a sua massa de água enorme, num [illegible] intermino, buzinando, a corporizar um fatigado silêncio, sob marés—cheias de Sol...

A ouvi-lo, o meu corpo espumava-se, dissolvia-se brandamente, como uma sombra, na calma absoluta duma obsediante, inerte monotonia.

Já o tempo, na sua vaga e incerta figura, se definira—erguera o seu espectro em meu espírito mais lúcido e vidente.

Sentia as horas passar no silêncio pesado e na penumbra, escutando suspensas o ruído dos próprios passos.

Era como se flutuasse à flôr dum largo mar em que ondas macias eram nuvens e em que era alada nuvem o meu corpo adormecido como uma criança.

Um novo sentido iluminara a minha vida. Na prostração inerte do meu corpo, a minha Alma rehouvera as suas asas e já tentava tímidamente os desvairados vôos que medem a imensidade.

Naquela iniciação que começara diante da morte, nos penetrais da Eleusis do meu sepulcro, havia umas brancas mãos piedosas para coroar de carícias a minha fronte pálida.

E o olhar de minha companheira, luz do ceu que Deus libertara dum corpo belo, guia da minha Arte e dôce Mãe das minhas Venturas—o olhar do meu Amor—alma e luz, perfume de lírios e luar pleno,—tombava duns olhos claros e dum ceu muito alto, como imponderável chuva de etéreas flôres sobre mim.

Um dia, como tantos, o delírio da febre arrebatou-me, levou-me...

E o vasto rio invisível, de intermináveis rolos de água, envolveu-me nas suas coleantes ondas, entontecedoras, desvairadas...

Era por uma paisagem exótica de florestas e prados e ora no meu olhar atónito se perfilavam árvores colossais, num pesadêlo, e animais antidiluvianos, ora liliputianamente se perdia tudo a meus pés, e a meus olhos alucinados e estranhos...

O turbilhão levava-me consigo e, incessante e imenso, eu era nas vertiginosas rondas, no delírio da febre, o grão de areia minúsculo turbilhonando, num desespêro indizível, depois a imensa mole inquieta e lenta que rolava sobre si mesma como um mundo obscurecendo e tomando todo o ceu.

Passavam monstros lentos e ameaçadores, de fauces profundas como cavernas...

Sobre mim mesmo, pávido e perdido, ruíu a massa imensa duma montanha de pedra...

Os ruídos longínquos e contínuos, num infatigável *crescendo*, transbordando, — envolviam, desvairavam tudo, — e como o fragor duma ciclópica batalha que um tufão levasse, esmoreciam, desmaiavam, diluiam-se num asfixiador e trágico silêncio. Na sombra faiscavam relâmpagos, cegando, — largas lâminas de oiro, ceus *plenos de luz* deslumbradôra.

E o turbilhão voltava constante, levava-me consigo, grão de areia e mundo num estonteamento como numa agonia...

O fragor longínquo aproximava-se de novo, erguia a voz cavernosa e demoníaca, depois esfumava-se e perdia-se ao longe.

Um fulgor de raio, um negrume impossível cegava os meus olhos...

Eu padeci a tortura duma sêde tantálica...

E a febre ergueu assim no meu cérebro, enfraquecido e delirante, as visões dum horroroso sonho.

Através das pálpebras pálidas e leves a última luz coava-se com brandura. Como depois duma luta titânica vencida, no cansaço da minha vitalidade gasta, eu ficara para ali, abandonado no imenso de mim mesmo, num vácuo desolado que o débil fulgor do meu espírito não alumiava quasi, em cada luz bruxoleante numa caverna de além mundo, fantástica e vazia...

A minha vontade e o meu esfôrço, indomáveis asas de desvairados vôos, tombaram flácidas e mortas...

E o meu sangue, lava do meu desejo, bárbaro fogo da minha animalidade, ritmo forte marcando a harmonia da minha vida primitiva, era como um pântano frio e claro, com espirais fantásticas de mortes e venenos, e silêncio, calando...

Nem sentia o meu corpo.

Só meus olhos vagamente viam uma luz distante e indefinível...

Talvez à minha beira se murmurasse baixinho, e as árvores, palpando e mergulhando nas leivas as ávidas raízes, suspendessem

o murmúrio vitorioso das seivas ascendendo. Mas a mesma luz vaga esfumou-se, perdeu-se mais ainda.

Foi à noite depois, e os ruidos secos, como bátegas saraivando uma última revoada,—mãos hostís da chuva chamando, noite alta, às janelas duma casa solitária,—e cobrindo-me numa carícia sufocante, turva do hálito da terra, tam possessiva e aconchegada que gelava de frio.

Um silêncio profundo se fez em volta de mim... E no silêncio aterrado, infinitos, minúsculos ruídos se fôram erguendo...

As raízes e as larvas afagavam-me, e meu corpo previa-se já mansa torrente deslizando a fundir-se no Mar ..

Adivinhei a alegria das plantas ébrias da vida pululando sobre a podridão...

Vi meu corpo subindo em veias diáfanas e verdes, purificado em seiva, sangue de flores, fonte de perfume...

Senti que me aspiravam no cálice gelado duma gardénia...

E do meu coração desfeito, como rolo alvente de fumo numa tarde serena, vi subir um lírio e as asas do seu perfume fôram as da minha alma.

Porque tanto amámos e beijámos tanto os lírios teus irmãos, —ó minha bem amada,—eu vi-te e senti então, num doloroso relance desvairado, a amargura de perder-te...

Meu coração inerte que eu julgava morto, pôs-se a bater um ritmo cruciante de angústias asfixiadamente.

E em meus olhos fez-se, em meus olhos terrosos e escuros, uma noite mais dolorosa e tenebrosa, riscada de relâmpagos de desespêro...

O meu corpo e a minha alma, ressurgindo no mesmo corpo mortal de pavor e miséria,—sufocaram, arquejando, sob o pêso horroroso de todo um Mundo que os oprimia ali.

Ávidos, os meus olhos dilatavam as pupilas convulsas. Mãos de terra, como implacáveis [illegible] me prenderam o corpo miserável, retalhando-o.

E todo o infinito do meu Amor e do meu desejo, toda a minha febre de [illegible] e [illegible], [illegible] desvairada fúria raivosas lágrimas impotentes, [illegible] esforços [illegible] tentando o impossível.

Como numa jaula, o horror e o desespêro percorreram o cárcere de minha imobilidade. Toda a Vida despertou naquele desvario, temperou os meus músculos de raiva, incendiou o meu corpo de loucura, libertou a ilimitada insânia nativa dos meus nervos como um vendaval.

A terra inteira batalhou em mim, convulsamente, tentando libertar-se da invisível cadeia inquebrantável.

No mar havia ondas altas e raivosas de nunca vistas e ululantes procelas. E, em cima, a tormenta escurecendo o Sol, abalava com seus braços tenebrosos os cedros miliários e azuis da floresta do céu.

Eu vivi assim toda a amargura e o martírio suprêmo da minha morte prematura. Vivi a dôr dos destinos incompletos, e a dos

grandes sonhos ansiosos e irrealizados. A Vida, que a minha sêde de vitórias e de imortalidade engrandecêra e doirara, chorou sobre o meu coração as lágrimas ardentes que se não consolam.

E os meus braços anquilosados em vão os estendeu a minha ânsia para um Futuro perdido, no afundar irremediável de todas as esperanças... Em mim a Vida foi crucificada, na cruz hostil d'um impossível, com todo o meu orgulho e todo o meu Amor e a insatisfeita, ousada sêde de triunfos insatisfeita e ousada como as águias que vôam direitas ao Sol...

Coimbra, 1912.

MAGUA RELIGIOSA

[illegible]

Nos charcos cai a Tarde... commovidas
As azas se recolhem no Mysterio...
P[illegible] no ar as vidas
Evoladas d[illegible] paz do cemiterio.

Penumbra d'oiro... máguas coloridas
O Espaço encheu-se todo! O' Corpo-aéreo,
Porque me pões as faces contrahidas
E assim me deixas perturbado e serio?!

Pallida a Tarde reza... Á superficie
Da Natureza — minha Mãe d'origem —
O Angelus! soando em longes de planicie...

Ó corpo-aéreo, ungido pelo Alem,
Concébe o teu Desgôsto n'uma Virgem
— Nossa Senhora do Sol-pôsto...

Amen! —

Lisbôa, Abril de 1912

LUA-NOVA

Dá a lua-nova sobre o meu casal;
—Que fundos de alma em religiosas telas!
Olha por mim o céu de Portugal
Com olhos beatissimos de estrelas.

E em fluido ocaso ainda, o sol derrama
Não sei que olhar extático de monge...
E lívido ermo onde o silencio chama
Dobra em minh'alma a voz cristan do longe.

Dia ao mar. O sol finda o seu poêma:
E hora de cinza, ó dúvida suprema,
O longo fim da tarde desconsola.

Já nas sombras da Noite, orando aos céus,
Como um pobre de Cristo pede esmola,
Erguem os choupos suas mãos a Deus.

Ereira de Montemor-Velho, 1910.

Affonso Duarte.

SEMPRE MÔÇA

Como enganas os pálidos humanos,
Terra tão verde e loira que pareces
Sempre moça, a brilhar, quando apareces
Toda em risos; e tens milhares de anos!

E tens sido pisada por tiranos,
Por trágicos heroes, e resplandeces!
E ouves sempre um tumulto de altas preces,
Morrendo como sombras de oceanos!...

Quando surgir o rútilo momento
Do teu fatal suspiro derradeiro,
Trovejando no espaço nevoento,

Terás ainda as mesmas rosas claras,
Egual perfume juvenil, ligeiro,
A mesma luz, e o oiro das searas?.

MINHA VONTADE

Meus antigos irmãos, no orgulho feito
A' imagem da sombra fugidia,
Vós que ainda creaes a raiz fria
D'uma vontade propria a cada peito,

Sabei que, ha muito, tenho já desfeito
Esse orgulho de ter uma sombria
Vontade, esse querer, que, noite e dia,
E' fogo inutil, lívido, imperfeito!

E então, erguido altivo na montanha,
Livre de toda a dor, em voz extranha.
Exclamei para a luz dos horisontes:

Pertenço á vossa rútila vontade,
Que durará a fulva eternidade,
...Selvas e mares, árvores e montes!

A. Rocha Peixoto

A educação dos povos peninsulares [1]

Peregrino de ideaes, eu percorri a Iberia toda n'um apostolado fraternal, e, da presente injustiça, uma realidade victoriosa no futuro se me deparou evidente. Um absoluto equilibrio e justa ponderação adviria do regime que consagrasse a liberdade d'essas tres patrias vivas peninsulares entre as quaes nem as preferencias nem as suspicacias poderiam prevalecer, posto que cada uma d'ellas tenha o seu peculiar ideal nacional que lhe absorve a vida inteira. Portugal e Galliza, formando a patria occidental, com a sua missão atlantica e colonial, que constitue a suprema e unica razão da sua existencia independente; a patria castelhana, ao centro, com a missão africana e civilisadora; e a patria catalã, ao oriente, rehavendo a sua perdida missão mediterranea, industrial, mercantil e artistica. Consagremos a independencia d'estas nacionalidades, e não será dificil acharmos, á base da liberdade, egualdade e fraternidade, a formula politica que as incorpore no movimento estatista europeu. N'estas tres patrias, n'estes tres centros de atracção, reconheci, senhores, a existencia dos elementos constitutivos das nacionalidades o historico ou tradicional, o scientifico ou estatico, e o social ou dinamico

A' existencia das unidade territorial, etnica e filologica que requerem as nações para adquirirem o caracter de taes - segundo o criterio tradicionalista — é preciso acrescentar-se o valor humano da repulsão contra a unificação extrange[illegible] e a vontade popular firmemente manifestada no sentido de definir o seu peculiar patriotismo. Para os democratas, a expressão da soberania popular é o argumento do reconhecimento do nacionalismo. Esses caracteres vejo-os em Portu[illegible] [illegible]a não resuscitar o valor historico inactual de Castella), e na [illegible]

A Nação Portuguêsa, cujo reconhecimento, por ninguem posto em duvida, [illegible]stifica a razão da diversidade nacional iberica e comprova a existencia do na[illegible] catalão, ou pelo menos obriga a admitir a sua possibilidade — afirma-se pela sua tenacidade, pelo entusiasmo com que tem conservado, através das edades o seu caracter inconfundivel. Ainda pela persistencia em impôr o seu ideal patriotico em todas as vicissitudes historicas, pelo desenvolvimento da sua missão civilisadora manifestada vigorosamente nas descobertas, na epopeia manuelina, na literatura esplendorosa do Seiscentos, e pela maneira heroica como se revoltou sempre contra os invasores desde os romanos até os castelhanos. A vitalidade do genio português, afirma-se na persistencia etnica e filologica. A formosa lingua lusitana evolucionou gloriosamente creando uma forte modalidade poetica.

Da patria portuguêsa, da unidade moral do patriotismo dos povos atlanticos, uma rama nobilissima os azares da politica iberica teem desgajado: a Galliza, essa região irmã, laboriosa e docissima, que pelo caracter da sua populaçã[illegible] pela sua historia, pelas suas tradições, pela sua mesologia e etnogenia, intégra a nacionalidade portuguêsa, como parte constitutiva do nucleo nacional do occidente hispanico, a nação galaico-portuguêsa. Eu vejo na Galliza de hoje o Portugal do seculo XVI que as cronicas rememoram; e no Portugal de então, áparte os esplendores e o fausto da côrte lusitana, a Galliza de hoje. A independencia politica, a realisação do ideal occitanico, levou ao Portugal a riquêsa, a iniciativa, o progresso economico, o desenvolvimento mercantil, a eclosão artistica, a depuração do idioma, que se aperfeiçoou com o uso literario. E, pelo contrario, a Galliza submetida, dependente, sujeita a uma hegemonia opressora, sem liberdade nacional e sem finalidade patriotica, desde a sua integração na unidade catolico-monarquica espanhola, a Galliza tem visto detido o curso da sua civilisação, desnaturada a sua politica, estatica a sua lingua e interrompida a sua historia

(1) Duma conferencia realizada em Lisboa e a ser editada pela «Renascença Portuguesa».

Portugal, emmuralhando o seu isolamento, tem ido desatendendo as relações fraternaes com a Galliza. Porque se separaram esses dois povos irmãos? Que differenças terão surgido entre elles? Oh, nenhuma! Apatia, sim; de nenhuma maneira desafecto. Por negligencia, os portuguêses nada teem feito para reconquistar a alma desse povo que deveria estar integrado nas suas fronteiras espirituaes. Para emendar o erro secular, é preciso iniciar-se uma intensa propaganda de amor e fraternidade, á qual [illegible] esses milhares de [illegible] e humildes gallegos que se abrigam na hospitaleira terra portuguêsa, e ver-se-ha como a alma abandonada da Galliza, virá dôcemente para a alma de Portugal e caminharão juntas n'um futuro de paz e de justiça iberica.

O povo português bastou a si só para se defender das invasões romana, goda e arabe, e das numerosas tentativas de absorção castelhana. A sua iniciativa levou-o ás descobertas, e, n'esse ciclo maritimo heroico, a Catalunha tambem teve uma participação honrosa pelo caracter fenicio da sua população, fazendo-se senhora do Mediterraneo, no qual exerceu a sua hegemonia maritima. Maior persistencia se acentúa na fixação e, sobretudo, na conservação da lingua; n'uma epoca em que o castelhano se impunha, sendo até geralmente usado pelos escriptores lusos, o povo manteve-a pura e intacta, surgindo o immortal poema de Camões que vem atestar a vitalidade do espirito português.

A Espanha, a Nação Castelhana, constitue-se actualmente, a meu ver, por todos aquelles povos submettidos, e só especificados por palidas tendencias regionalistas, ao criterio patriotico formulado e imposto por Castella. E' com efeito, tão intenso o sentimento nacional castelhano, que aquellas populações, mesmo com diferenciação historica, que sofreram o seu jugo sem ostensiva rebeldia, acabaram por incorporar-se completamente na idealidade patriotica castelhana; e de tal maneira, que, hoje, percebe-se uma uniforme sensação de patriotismo nas Castellas, em Leão, em Andalusia, em Extremadura, em Aragão, e mesmo em Valencia onde felismente subsiste o conflicto filologico que obstou á completa integração de Valencia, parte sul da Catalunha-nação, no pensamento castelhano. Uniformismo patriotico devido, em grande parte, á força de sucção de Madrid e os seus instrumentos de absorção: o burocratismo, o militarismo, o clericalismo e o flamenquismo...

Apesar d'essa unidade nacional dos povos centraes espanhoes nos quaes Castella infiltrou o seu ideal proprio, evidenceiam-se certas caracteristicas etnicas diversas pela influencia das invasões, n'uns mais do que em outros accentuadas. As [illegible] permanencia e ao seu numero. De todos os povos que pisaram o seu solo povos barbaros, excepto os arabes, que não acharam ali, como em Portugal e na Catalunha uma superior civilisação autoctona, ou ainda uma bella tradição grega e fenicia — ella recolheu o que elles tinham de peor. Tornou-se [illegible] como os arabes, [illegible] como os godos. E, como todas as raças fracas, foi tiranica e despotica. Lembrarei só essa data fraternal para portuguêses e castelhanos de 1640. O seu despotismo e absolutista, [illegible] a sua tradição monarquica vae de Filippe II a Fernando VII; a sua tradição militar, do Duque d'Alva a Weyler; a sua tradição religiosa, de Torquemada ao cura Santa Cruz. O audacioso acaso ou a variavel sorte poz sob o sceptro dos seus reis o maior imperio do mundo, e, pouco a pouco, os povos opprimidos rebellaram-se, [illegible] sacudindo o jugo ominoso sem amoravel laço espiritual que perdurasse... E tudo isso, informou um patriotismo que jamais pode ser partilhado nem [illegible] sentido por catalães e portuguêses, que perpassaram pelo mundo em tôrno de uma oposta orbita social e idealogica.

No seu caracter islamita, no seu riso histerico, forçado, d'umas canções que choram, distilando a mágoa hypocondriaca mesmo no som louco das castanholas, esse povo que definha ou emigra, quando a enderrocada colonial lhe marca tristemente o mortal estigma da sua decadencia, enche as praças de touros n'um impeto suicida! Contemplastes, meus Senhores, alguma vez, a barbaria d'uma tourada á espanhola? O toureiro e o flamenco são as figuras representativas da Hespanha castelhana; nos fastos heroicos, nos repelões d'ira popular, nos movimentos facciosos religiosos ou guerreiros, é o flamenquismo a móla vital que move o caste-

lhano. Fez bem, aquelle mentecapto Fernando VII eliminando as aulas de matematica do reino, e abrindo o Curso Superior de Tauromaquia, de Sevilha!

Sim. O espanhol emigra. A Espanha tem regiões inteiras despovoadas: na Mancha em Aragão, nas Hurdes... Ha provincias com uma densidade de população de 10 habitantes por kilometro quadrado, como a de Burgos. Ali n'aq paramo solitario houve um burgo... a sua gente emigrou em massa! Atrave as inclementes mesetas, as estações succedem-se a intervallos longuissimos; [illegible] bravas, charnecas, sem uma arvore, sem uma flor, sem um passaro... A gente rude e abnegada, frugalissima e simples, vive em covas, em casas de barro, choupanas taipadas aqui e ali espalhadas ao redôr d'um campanario ponteagudo, tudo confundido na côr indefinida e terrea do solo sangrento, argiloso, esteril... Elles não sabem ler; mas sabem morrer histoicos levando á tumba o seu secreto desespero. Essa é a raça dominadora!

Na sua miseria moral e fisica, ella mantem ainda os seus odios: ella actúa pelo clericalismo que a fanatisa e embrutece; pelo militarismo aventureiro dos "prommunciamientos", dos golpes d'Estado, pelas guerras santas, civis e coloniaes; pelo burocratismo, que o nepotismo oligarca mantêm nas regiões ricas sugando as energias em nome do fisco odioso e odeado... Emquanto *el catalán, de las peñas saca pan* como o anexim popular castelhano afirma; emquanto o gallego trabalha rudemente pensando no amanhã; emquanto o basco desentranha da terra prodiga o minerio escondido, e o valenciano transforma n'um jardim a sua "horta" opulenta... o castelhano, que o tipo madrilenho sintetisa, vive ao dia, parasitando nas repartições publicas, é militar ou é padre. Ou então, espera que o deus Estado lhe accuda transformando-o, por arte de magia, n'um nababo a elle, e n'um paraizo a sua terra inculta. Ou, ainda, consola-se trabalhando, se é dos parias sem um parente politico ou sem a protecção do cacique, como uma besta de carga, dando os filhos ao rei e a sua pobrêsa ao fisco, regressando ao pastoreio se a agricultura definha e foram más as colheitas miseras e espaçadas, deixando-se morrer, ou emigrando que, para os infelizes é um meio de morrer com mais dolorosa e longa agonia...

Comtudo, esse povo teve, com o ouro da America, a sua epoca de opulencia nacional; creou modernamente a mais famosa literatura do mundo, produziu uma arte soberba, fez tremer as cidades ao passo dos seus exercitos, e, ainda na sua decadencia actual sente fremitos de superior impulsividade. Mas o seu dinamismo preterito, que só na tradicção se guaresce, não justifica nem proclama a sua absurda hegemonia politica sobre os demais povos espanhoes, de ha muito incorporados, com superiores vantagens, na marcha progressiva da humanidade

Ao norte d'essa faixa central, ha um pequeno povo. O povo basco, por alguns considerado como [illegible] dos iberos, raça asiatica que emigrou antes dos arianos e que até aos nossos dias tem mantido raramente as suas caracteristicas ethnograficas. A sua existencia não tem precedentes historicos. Povo rude e forte nos jogos fisicos, [illegible] o espirito de independencia contra todos os invasores, vivendo nas montanhas do seu selvatico territorio quando o estrangeiro maculava o sólo da patria, sempre alheio ao rodar do tempo.

Nas Vascongadas deu-se o caso da influencia castellana que as incorporou, na politica, na filologia e na arte, ao seu patriotismo. Existe, é verdade uma corrente nacionalista, ali. Mas, o bizkaitarrismo, sem uma base historica, sem uma base literaria, e sem uma expressão democratica liberal, constitue, a meu vêr, um irrequietismo faccioso. E' esta tambem a opinião de Unamuno, o genial escriptor basco incorporado completamente no patriotismo castelhano por um natural fenomeno de supernacionalisação: caso representativo da palida individualisação nacional do povo basco. O idioma basco, que não poude formar uma literatura, carecendo de expressão lirica, vae relegando-se a um mêro valor arqueologico. O nacionalista basco, catolico e monarquico, fala o castelhano com os seus concidadãos. Assim como o barcelonismo, fundamente catalão, constitue a força directora do catalanismo, o bilbainismo, perfeitamente castelhano, não pode constituir o nervo e a norma do verdadeiro nacionalismo bizkaitarra. O nacionalismo catalão, sem Barcelona, ficaria acefalo; que é o que acontece ao bizcaitarrismo

No oriente peninsular, na parte alta do Mediterraneo, — o mar das civilisações — como um soberbo *pendant* do occidente atlantico — o mar das descobertas — extende-se o paiz nobilissimo da Catalunha.

Depois que os dominadores ligurios, gaelicos, tartessios, helenos e fenicios, cartaginêses e romanos passaram a sua civilisação pela terra catalã d'aquelles longos seculos de influencia extrangeira só ficou o conteudo espiritual de uma superior cultura e por um curioso fenomeno de recorrencia antropologica — visto ser mais reduzida do que a invadida a raça invasora vinda pelo mar — novamente surgiu nos seus limites naturaes, territoriaes e filologicos, desde Murcia ao Rodano, a velha *etnos iberica*, fundamento nacional da Catalunha, que, pela força assimilativa e pela sua virtualidade soube incorporar á sua civilisação peculiar os elementos ponderosos da civilisação dos povos momentaneamente dominadores. Os godos e os arabes nem uma influencia deixaram na Catalunha, pela curtissima permanencia n'esse paiz que repeliu os primeiros pelo seu contraste barbaro e os segundos pela ameaça á sua independencia nacional e á sua integridade civil e religiosa.

No nosso litoral mediterraneo floresceram as bellas cidades livres, que se mancomunavam em pequenas republicas, como Empuries, germen remotissimo do federalismo e do municipalismo — o que explica tambem a rara permanencia do dominio feudal — até que no seculo IX a Nação Catalã adquire uma rudimentar organisação politica com a constituição da «Marca Hispanica» e subsequente emancipação do Condado independente do poder franco, sendo Wifredo o primeiro conde-soberano ou pelo menos o fundador da casa real que durante cinco seculos, sempre por linha masculina, governou a Catalunha.

Acrescentado o territorio sul do Condado Catalão pelas conquistas aos arabes, no seculo XII, Ramon Berenguer IV, pelo casamento com D. Petronilla, filha do rei aragonês Ramiro, o *Monge*, o reino de Aragão, foi incorporado ao patrimonio do soberano catalão, constituindo-se a Confederação Catalano-aragonêsa, n'um regime de liberdade e de egualdade entre os dois povos confederados.

Apenas o grande rei Jayme I o *Conquistador* cometeu o erro politico de não agrupar e unir os vastos territorios da Confederação n'uma commum denominação de Reino da Catalunha, com a capital em Barcelona. O territorio submettido á Confederação Catalano-aragonêsa, no seculo XIV — durante o reinado de esse extraordinario monarca, então o maior da terra, que foi Pedro IV, depois do seu casamento com D. Leonor de Portugal — abrangia a Catalunha, Aragão, Valencia, Malhorca, Russilhão, Cerdenha, Corcega, Napoles, Sicilia, Atenas e Neopatria... que a nossa união com Castella, desde os Reis Catolicos ao consumar-se a unidade politica espanhola, nos fez perder pela inepcia diplomatica e pelas loucas aventuras guerreiras da raça dominadora!

No Compromisso de Caspe, extinguiu-se o ramo real da casa catalã, e um rei extrangeiro, Fernando de Anteguera, succedeu ao ultimo monarca da Confederação, morto sem primogenitura, Martim o *Humano*. Mas, até Felipe V a Catalunha não perde as suas liberdades. Se é certo que um rei castelhano reinava na Catalunha, comtudo mantinham-se pelo juramento real as constituições e franquias do povo catalão, atacadas arteiramente por Felipe IV, o que provocou a revolta que tão brilhantemente historiou o vosso immortal D. Francisco Manoel de Mello, revolta que constituiu a ajuda mais eficaz que teve Portugal para a reconquista da sua perdida independencia. As liberdades catalãs só foram banidas por Felipe V, de execravel memoria, depois de uma lucta epica de dez annos que se conhece na Historia pelo nome de Guerra da Succession e que originou a perda completa da relativa autonomia que desfructou a Catalunha sob as dinastias castelhana e austriaca. D'essa forma brutal entrou na Espanha o ramo dos Bourbons! D'aquella ominosa epoca, fica o vilipendio liberticida do decreto de Nova Planta, do rei intruso!

Todas essas desventuras apagavam o fulgor da historia da Catalunha. A' tradição liberal e democratica do nosso povo revelada na sua legislação de estructura juridica consuetudinaria e nas suas constituições famosas: os *Usatges*, o livro do *Consulat de Mar*, o *Recognoverunt proceres*, e a sua organisação politica das Côrtes e mercantil no sistema gremial, na obra do bispo do Felix d'Urgel, do sabio Arnau de Vilanova, do grande Ramon Llull, de Exalier, de Claris, do Conselho dos Cem, de Barcelona, famosissimo, tradição liberal enaltecida pela conducta dos soberanos, pela tolerancia religiosa que consagrou a cidadania dos judeus e

judaizantes, pela hostilidade do povo e dos poderes constituidos contra a Inquisição, essa tradição liberal que constitue a suprema gloria do povo da Catalunha, apagou-se com o advento da tirania, do uniformismo catolico-monarquico castelhano!

A decadencia espantosa da civilisação catalã, o descahimento mesmo da [illegible] que se insensibilisou na desgraça, a perda da consciencia nacional, accentuou-se a fins do seculo XVIII, em que, perdido o elemento espiritual, poetico, substratum de invencivel força que constitue as patrias, a Catalunha podia ser ao todo um agregado d'homens, uma colonia exemplar sem uma alma em actividade. Com o advento do humanismo e a obra dos Enciclopedistas, ao resurgir a cultura greco-romana e ao baquear o escolasticismo perante as modernas tendencias filosoficas iconoclastas, um novo sentido liberal informou a atracção dos nossos homens cultos accordando-lhes o seu esquecido e palido sentimento patriotico. De tal modo era latente na alma catalã esse sentimento, mesmo que informulado, que o [illegible] marical francêz Augereau, que em 1808 invadiu a Catalunha, proclamou em catalão que Napoleão não vinha em som de guerra, em som de conquista, mas sim para conceder a independencia á nação catalã. Infelizmente aos afrancesados de então escorraçavam-n'os por máus patriotas, e o feroz facciosismo catolico desviou a campanha da guerra peninsular; aqui, lançando-vos no vergonhoso absolutismo de D. João VI; ali, lançando-nos no vilipendioso absolutismo, de Fernando VII; [illegible] e ali iniciando as cruentas luctas civis provocadas pelo miguelismo e [illegible]

Data de 1833 a famosa *Ode á Patria*, de Aribau. Aquella bellissima instituição dos jogos [illegible] estabeleceram em Barcelona, em 1393, por encargo e sob a protecção de aquelle magnifico rei João I, [illegible] foram restaurados com um louvavel intuito patriotico em 1859, fomentando-se assim o uso da lingua catalã, escripta. Hoje, a nossa literatura adquiriu uma grandêsa soberana, [illegible] castelhana con- [illegible] dos nossos genios literarios e da divulgação jornalistica. Em lingua catalã, que é a linguagem na- [illegible] além dos dois importantes [illegible] *El Poble Català* e *La Veu de Catalunya*, mais de [illegible] e periodicos politicos, literarios, artisticos, que acompanham o movimento autonomista. Essa revivescencia e recrudescencia do uso literario da lingua catalã, tem uma justificavel rasão de defesa.

Foi no idioma, com efeito, onde a brutalidade do centralismo castelhano vibrou os golpes mais impiedosos; porque o idioma é o espirito invencivel das reivindicações patrias. Proscreveu-o da escola, atentando-se assim contra o principio fundamental da pedagogia que obriga a ensinar as creanças na lingua que falam; proscreveu-o dos tribunaes, negando o principio juridico e humano que obriga os juizes a administrarem justiça na lingua dos naturaes do paiz; proscreveu-o do leito do moribundo que não póde testar na lingua e nas leis da sua terra.

Por isso o problema nacionalista catalão merece a simpatia dos povos livres e a sua retardada solução constitue um crime de lesa-humanidade. E' doloroso confessar-se, mas é a fiel expressão da verdade: [illegible] na Espanha, os mesmos direitos do que os castelhanos; estamos n'uma evidente inferioridade civil. E nós não queremos categorias politicas nem sociaes entre os espanhoes [illegible] perante o fisco [illegible] considerados cidadãos de [illegible] no orçamento geral do Estado, tambem queremos manter [illegible] leis e privilegios constitucionaes do reino, n'uma condição civil geral: visto como o ser catalão, não constitue inferior condição civil.

A' renascença literaria seguiu, na Catalunha, o movimento politico de protesto contra o centralismo castelhano, originando o regionalismo que francamente [illegible] as suas reivindicações [illegible] cristalisadas mais tarde na [illegible] catalanista, [illegible] talvez pelo [illegible] que teem [illegible] e catolicos, mas que se [illegible] para a [illegible] corrente [illegible]

nha. Ao serviço d'esse nacionalismo liberal, que Valenti Almirall soube formular oportunamente, veio o criterio federal que Pi y Margall definiu de modo magistral. E hoje na Catalunha o nacionalismo federalista constitue a [illegible] [illegible] resume as esperanças liberadoras dos catalães, e preestabelece a solução iberista á base do reconhecimento das entidades nacionaes historicas com [illegible] realidade [illegible] da soberana vontade popular.

A Espanha, [illegible] o movimento [illegible] catalão [illegible] nos de separatistas, de flibusteiros; amesquinha o nosso protesto reduzindo-o á covardia de [illegible] separar-nos d'ella violentamente. Não. Não [illegible] nos não queremos sequer separar-nos da Espanha, porque isso seria livrar-nos da tirania do Estado centralista castelhano para cairmos no centralismo francês suavissimo e enervante [illegible] Queremos [illegible] Espanha, [illegible] iberica.

Nunca aos nossos brados de justa reivindicação nacional respondeu amorosamente a Espanha. Foi sobranceira sempre a sua atitude, como em Flandres, como em Portugal, como em Cuba e Filipinas, porque teme revelar a sua debilidade real, se renuncia á sua aparente fortalêsa externa. Ha tempos, tivemos por um momento, a esperança de que as nossas reclamações seriam em parte atendidas. Foi por ocasião da viagem de Affonso XIII a Barcelona, a cidade liberal e e republicana O rei foi ali com um ramo d'oliveira na mão. Para demonstrar a sua estima pela Catalunha e quanto tomava em consideração as suas reivindicações, até chegou a declarar que iria aprender catalão para melhor se identificar com elas. Mas, quando voltou a Madrid, esqueceu as suas promessas. Os reis, esquecem-nas sempre!

A opressão refinou. Na noite de 25 novembro de de 1905 – data memoravel, e tragica a oficialidade da guarnição militar de Barcelona, assaltou, á mão armada, as redacções dos jornaes catalanistas. Foi um acto de anarquia, de indisciplina, que ficou impune. Para coroar aquelle acto de bandoleirismo, o governo liberal, espanhol de Moret, acovardado perante a pressão militarista e palatina promulgou a infame Lei das Jurisdicções, só propria d'Estados autocratas e que Azcárate reputou a mais tiranica e iniqua das leis europeias. Com a lei das Jurisdicções baniu-se a livre expressao do pensamento, entregando-se ao julgamento marcial todos os chamados delictos de opinião que o parcialissimo criterio de qualquer auditor ou qualquer fiscal reputas-se offensivo para o exercito ou para o intangivel patriotismo espanhol. Perante essa chicotada do poder, a Catalunha levantou-se em peso, acompanhando-a no seu protesto aquelle nobilissimo espirito de D. Nicoláu Salmeron, e, a Solidariedade Catalã fez-se. Em 20 de maio de 1906, mais de duzentos mil cidadãos percorreram as ruas de Barcelona, n'uma manifestação energica e assombrosa, dando ao mundo o exemplo mais frisante do civismo e da cultura do nosso povo. A Solidariedade Catalã era a expressão, a coincidencia patriotica dos catalães, e revelava o absoluto divorcio entre a Catalunha e o Estado monarquico espanhol. Ao lançar-se á luta eleitoral, a Solidariedade Catalã conquistou a representação parlamentar plena da Catalunha. F[illegible] aquelle, um amea[illegible]çador, e forte movimento revolucionario

Então os governos espanhoes compreenderam que era preciso proceder de outra forma. E assim lançou-se mão de um aventureiro codicioso e de talento, dotado dos mais incisivos predicados de *meneur du peuple* e possuindo uma grande-influencia proveniente da sua especial situação no partido republicano. Esse homem é Alexandre Lerroux, um audacioso agitador. Sendo o movimento autonomista catalão impulsionado e dirigido pelo dinamismo citadino era contra Barcelona [illegible] na democracia patriotica catalã. E, subvencionado pelo governo moretista, apareceu Lerroux em Barcelona iniciando uma campanha [illegible] [illegible] contra a politica republicana autonomista que Salmeron acaudilha, e contra a organisação operaria antes for-

tissima e actuação catalanista. Nunca mais fiel aliado para os seus fins teve a monarquia espanhola.

Em breve, porém, lhe foi arrancada a mascara. Lerroux foi julgado como merecia e o lerrouxismo perderá a sua eficacia politica. Passam as ambições e as concupiscencias dos homens n'um cortejo odiento; degladiam-se as mais firmes agrupações sociaes quando um nobre ideal as não consorcia; abatem as mais solidas organisações politicas quando se não fundamentam na verdade e na justiça... o que não passa nunca, é o patriotismo puro orvalhado pelo sentimento d'uma absoluta equidade social. E a Catalunha, a despeito de todos os seus inimigos, de dentro e de fóra, continuará no seu heroico protesto contra o centralismo brutal do Estado espanhol, tôrpe e deshumano.

A nossa persistencia dar-nos-ha a liberdade na monarquia ou na republica; apesar de eu acreditar, hoje, n'uma razão que torna impossivel toda a concessão autonomista: na Espanha castelhana sacrificou-se tudo sempre á unidade catolico-monarquica. Servindo esse mesquinho ideal, perdeu-se o maior imperio colonial que ainda viram os seculos!

Ribera y Rovira

SONETO

Um dia fui pastor. Nas serranias
Vi romper alvoradas a meu gosto,
E sósinho, nas altas penedias,
Bebi o Sol que trago no meu rosto.

Divino-irmão das coisas mais bravias,
A Beleza em meu sangue, fogo-posto,
Ia lavrando em mim as harmonias
Que o Sol leva a cantar para o Sol-posto.

O' tardes da Montanha, ó meus cordeiros,
O' meus brancos, meus doces companheiros,
— Eu fito com Amor a vida antiga...

E trago nos meus olhos côr dos montes
O luar que deslumbrava os horisontes
Quando eu voltava lá da serra amiga.

Celorico de Basto 912

Afonso Mota Guedes

ELEGIA D'ALMA

A Fernando Pessoa

Olhai-me bem... Fitai o meu olhar:
— Noite negra com lágrimas a arder...
— Fumos vivos que sobem a rezar
Das raizes em fogo do meu sêr...

Olhai-me bem... Eu sou espectro exangue
Onde ambição altiva fulge e arde...
Como o azul da tarde
Num poente de sangue.

Não sou carne vivente... Eu sou phantasma oculto
Que o sol ofusca e a sombra faz brilhar,
Sou uma voz que sonha e toma vulto
Num corpo transitorio a expirar...

Eu sou Christo e Satan que, na Montanha,
Vendo a Tristeza em tudo quanto existe...
Convulsos choram em piedade estranha,
E se confundem num abraço triste.

Sou uma sombra em vaga saudade
De ter já sido heroico sol que assombra...
Ou sou um sol heroico em soledade
Que amargurado já prevê ser sombra.

Sou Ironia e Sonho... A Agua gira
E abraça e beija a Luz sem na apagar...
Meu coração doente é uma lyra
Que um vento de loucura faz vibrar.

Eu sou Mephisto e Fausto num só ente,
Que, por cavernas de calháus ou marne,
Andam cumprindo irremissivelmente
Esse fadario avérnico da Carne.

Sonho ser Rei... E a minha fronte cinge
Sagrado Orgulho humilde, a me esconder...
Sonho ser Rei... Encarno Oedipo e Esphinge
Na liga mysteriosa do meu sêr.

Antonio Cobeira

PHYTOGRAPHIA SELECTIOR

E' **geralmente** conhecido que Felix Avelar Brotero iniciou a publicação dos seus notáveis estudos sobre a flora portuguesa com um primeiro fascículo da PHYTOGRAPHIA LUSITANIÆ SELECTIOR. Parece, porêm, que o eminente botânico ficou muito desgostoso com as imperfeições tipográficas da obra, resolvendo suspender a continuação do trabalho de impressão e inutilizando, por fim, quantos exemplares lhe foi possível. Anos depois, em 1804, apareciam os dois volumes da sua FLORA LUSITANICA, unico tratado de conjunto até hoje concluido sobre a nossa vegetação continental, pelo qual grangeou universalmente, e para sempre, a reputação de um verdadeiro clássico na sciência das plantas. A publicação do seu primeiro trabalho descritivo, de uma execução material cara, pelas grandes e belas gravuras a buril, só a pôde empreender de novo muito mais tarde, mediante a protecção eficaz de António de Araujo, o célebre Conde da Barca. E não conseguiu ele concluí-la nunca, nem teve, mesmo, o prazer de ver impressa uma parte do 2.º tomo, que só veio a acabar-se apoz a morte de tão douto como abandonado autor. Convem esclarecer que Brotero, recomeçando a impressão da sua PHYTOGRAPHIA, refundiu completamente o fascículo primitivo, substituindo-lhe algumas das plantas descritas, alterando-lhe a ordem e modificando-lhe, por vezes, as respectivas diagnoses. Desta forma, o referido fascículo da estampàgem inicial pouco ou quási nada tem com a primeira parte do volume 1.º da obra a que ele mais tarde deu título semelhante.

Estes factos são demasiadamente sabidos; se me ocupo deles é, simplesmente, porque me parece útil recordá-los antes de tratar um pormenor que, sendo talvez insignificante em si mesmo, tem no entanto uma elevada importância pelas suas consequências sobre questões de recta nomenclatura botânica, a que por toda a parte se liga hoje uma consideração de maior. Quero referir-me a um erro na data adscrita ao primitivo fascículo 1.º da PHYTOGRAPHIA SELECTIOR por todos os livros estrangeiros que se ocupam do assunto.

Brotero, quando no começo da FLORA LUSITANICA menciona os autores citados na obra, aponta esse fascículo com a data de publicação de 1801. Trata-se, sem dúvida alguma, de um erro tipográfico cuja revisão escapou, porque o referido fascículo, que tenho presente, traz marcado o ano de M.DCCC, como se pode ver na reprodução do seu frontispício aqui estampada, segundo redução fotográfica do próprio original. Este ano de 1800 é, tambem, o indicado por Inocêncio Franscisco da Silva, no seu "Diccionario Bibliographico Portuguez".

No entanto, a falsa indicação de Brotero fez carreira lá fóra, ao que Aug. De Candolle, no excelente trabalho bibliográfico inserto nos princípios do seu "Regni vegetabilis systema naturale", reproduz o erro, que se encontra repetido em outros autores modernos e contemporâneos.

Ora o resultado desta inexatidão tem sido o praticar-se alguns erros consideraveis de nomenclatura scientífica, embora sob o intuito, aliás irrepreensivel, de se proceder correctamente, em respeito absoluto pelo princípio de prioridade, que hoje domina como lei.

É assim que os nomes de algumas espécies botânicas descritas no mencionado fascículo, como novas, se acham hoje substituidos por outros, que menos acertadamente se julgam mais antigos. Tais são: *Víola lusitânica* Brot., mudado em *V. láctea* Sm.; *Centáurea tagana* Brot., preterido às vezes por *C. simplex* Cav. (1801); *Pimpinella bubonoides* Brot. substituido por *P. villosa* Schousb.; *Lotus conimbricensis* Brot., mudado em *L. coimbrensis Willd.*

Ora a verdade é que não há razão para se dar preferência aos binomes adoptados hoje pelos rigoristas, visto que os do nosso eminente botânico ou são mais antigos que aqueles, ou foram creados no mesmo ano, mas com a vantagem, que os torna particularmente válidos, de virem á lume acompanhados de boas estampas e de diagnoses latinas extensas. Cumpre restabelece-los, pois, como é de justiça, em todas as obras que se refiram ás plantas por eles designadas.

PHYTOGRAPHIA
LUSITANIÆ SELECTIOR,
SEU
NOVARUM ET ALIARUM MINUS COGNITARUM STIRPIUM,
QUÆ IN LUSITANIA SPONTE VENIUNT,
DESCRIPTIONES.

FASCIC. I.us

AUCTORE
FELICE AVELLAR BROTERO,
D. M. AC PH., BOTAN. ET AGRICUL. IN ACAD. CONIMBR. PROF., HORTI REG. CONIMB. PRAEF. SOCIET. LINN. LONDINENSIS, ETC. SODALIS.

OLISSIPONE,
TYPOGRAPHIA DOMUS CHALCOGRAPHICAE, TYPOPLASTICAE, AC LITTERARIAE AD ARCUM CAECI.
MDCCC.
Cum facultate S. R. Cels.

O fascículo em questão é coisa extremamente rara e, por isso mesmo, preciosa. O único exemplar que conheço pertence ao gabinete de botânica da Faculdade de Sciências da Universidade do Porto, onde existe há muitos anos, por oferecimento do sábio professor da cadeira de botânica Barão de Castelo de Paiva. O valor scientífico de tal infolio não se pode deixar de considerar como capital,

porque Brotero, entre outras plantas mal conhecidas que representa e descreve minuciosamente, aí insere as dignoses de muitas especies novas, das quais conservam ainda a seu nome o *Anthoxanthrum amarum* Brot., a *Stipa arenária* Brot., a *Campánula primulafolia* Brot., a *Campánula Lœflingii* Brot., a *Anthemsi fuscata* Brot., o *Linum setáceum* Brot., a *Brassica sabulária* Brot., a *Genista falcata* Brot., a *Genista triacanthos* Brot., o *Astrágalus cymbæcarpos* Brot. e a *Arenária conimbricensis* Brot.

Vem a propósito lembrar aos nossos bibliógrafos o enorme benefício que prestariam à sciência com a investigação das datas precisas de impressão das diferentes folhas da PHYTOGRAPHIA de Brotero. E' possível que nos arquivos da Imprensa Nacional se encontrem documentos seguros para se levar a cabo essa investigação, o que, a obter-se, desfaria talvez alguns outros erros de nomenclatura e restabeleceria para a sciência os direitos de prioridade de alguns binomes creados pelo nosso grande e venerando mestre.

Pôrto, 31 de julho de 1912.

Gonçalo Sampaio

O Ensino Secundário da Matematica

O caminho seguido pelos matemáticos foi da intuição pura para uma racionalização que atingiu o seu mais alto grau com as geometrias antieuclidianas e com os números antiarquimedianos etc. Este caminho é bem vizível através da história.

A Pedagogia foi aproveitando sempre as últimas consequências lógicas e, apresentando-as logo, como se as necessidades dos novos estudantes fossem as mesmas que as dos sábios, caiu num erro que todos conhecem e se revela na repugnância que a maior parte dos estudantes teem por estes estudos. Pretendendo evitar este defeito caiu-se noutro não menos grave que foi o de tornar a matemática uma sciência prática no significado menos scientífico que por ventura tenha este termo. Assim começou-se a ensinar a álgebra a alunos cuja preparação não era a daqueles para quem os livros (e mesmo os professores) tinham sido preparados.

Todo o professor que tenha leccionado estudantes do curso complementar de sciências, tem visto a repugnância com que os alunos recebem as demonstrações daquilo que êles já *sabiam práticamente*. As mais das vezes caem (se o professor é exigente) ([1]) num estudo sem sentido para êles e abandonam-se completamente ao que êles passam a chamar "exquisitices dos matemáticos».

Pode alguem querer concluir do que fica escrito que eu julgo indispensável uma racionalização constante desde os primeiros anos. E assim é. Mas não se julgue que a exposição deve ser feita pelas exigências lógicas do professor. Não. Deve admitir-se muita coisa nos primeiros anos e seguir-se sempre o método matemático o que é possível como o demonstra C. Laisant in «Initiation Mathématique».

O aluno habituado a regras a propósito de tudo, muitas das quais são a repetição de propriedades simples das operações, nunca pode atingir o valôr do método e portanto do rigor matemático.

Eu desejaria, pois, que num futuro programa para o ensino secundário da matemática se atendesse em especial ao espírito desta sciência antes que acumular na cabeça do aluno um sem número de regras que, para êle, apenas serve para fazer exame. Queria que a geometria fosse exposta, não segundo os postulados clássicos, mas segundo um maior número de postulados que apenas a intuição garantiria e que, com o desenvolvimento intelectual do aluno, se fossem eliminando. Queria que as operações aritméticas fossem, desde o princípio dadas racionalmente, garantidas, não pelas pro-

[1] *Exigencia vulgar*, é claro

priedades do número inteiro, mas ainda pela intuição, vinda de mil exemplos conhecidos dos alunos.

Incluiria logo nos primeiros anos o estudo e prática dos logaritmos, cuja garantia estava na rapidez e comodidade das operações. Todos sabem que, do modo como êles vão sendo dados, apenas servem para satisfazer os professores no exame; e a maneira teórica como são apresentados, não dão ao estudante garantia alguma da sua utilidade. A prova é que nós vemos o estudante evitar tanto quanto possível a sua prática. As tábuas não são um instrumento útil para aproveitar o tempo mas uma massada cuja *teoria* é muito difícil.

Ora se elas fossem aproveitadas desde os primeiros anos, nem a sua teoria seria, para o aluno, arbitrária, mas requerida, visto já conhecer a sua utilidade.

E' o que se dá com as operações da arimética. A extracção da raiz quadrada, por exemplo, oferece grandes dificuldades teóricas e no entretanto ninguem pensou, julgo eu, em abolir esta parte do programa da primeira classe. E a extracção de lagaritmos é duma larga aplicação e de mais cómoda prática.

Fórmulas simples que fazem parte já do programa da segunda classe podiam ser dadas já adaptadas ao cálculo logaritmico e prestavam-se a um sem número de exercícios de utilidade imediata para se não continuar com exercícios de pura abstracção sempre desagradáveis para espíritos que ainda estão muito perto da realidade.

Eu creio que ao professor compete nestas classes um papel importantíssimo que consiste principalmente em não perverter as tendências naturais do aluno, apresentando a todos, como se faz geralmente, a mesma solução e em geral aquela que menos convêm, quero dizer a fornecida pela análise.

Nestas classes a regra deve ser feita por cada aluno e para cada aluno, porque só desta maneira se consegue que ela tenha sentido.

A geometria, sendo de mais fácil intuição deve ilustrar, sempre que seja possível, as operações e raciocínios tanto da arimética como da álgebra. E note-se que isso não é só útil para a compreensão destas partes da matemática, visto que deste modo nós completamos as noções geométricas muitas vezes, e até nos poderá servir para mais tarde fazermos a redução dos postulados.

ÁRVORES DE PORTUGAL
Pé de carvalho

(De Cervantes de Haro)

OS COVAS

Quasi toda a santa alma se torce sob uma inveja coruscante ao ver os Covas, o casal Covas, que arribou á minha ingenua villota ha cerca de quatro annos: elle, Ricardo, uma columna virente, de cara sempre alegre como um sol d'estio, um titan no seu officio de ferreiro; ella, Violante, uma suavidade turbadora de linhas e curvas, que a argucia do seu antigo viver de perdida bafejou prodigamente com uma galanteria artistica

Mas, porque será esta inveja? Por serem felizes, como parece demonstrarem [illegible] que só as bocas dos bem acolhidos do Senhor sabem exprimir?

A falar a verdade, não o sabemos, e cuidamos que, indef[illegible]tivelmente, só o saberá a snr.ª Thereza da Porta

A snr.ª Thereza da Porta, os senhores sabem, é um thesouro para os cavadores d'esmerilhações, de chronicas, das lindas cousas do passar de cada um. Oh! ou não tivesse ella tido aqui, depois em Guimarães, a aclarante lida de alcaiot[illegible]

[illegible], nem d encomenda, ali a temos, recolhida e benta, a cochichar no seu rosario. Ora falemo[illegible]

Bôas tardes snr.ª Thereza. Uma palavrinha, faz favor

Diga, diga, que eu vou com muita pressa pr'á novena! – grita brandindo os punhos e sem desandar para cá o resplendor que fórma o lenço de bretanha na sua fronte amarfanhada e florida de chagas.

Era sobre os Covas... Mas, deste g[illegible]ito, não poderá ser. Tenha paciencia, que a vida não é para arrelia[illegible]

Elle sempre ha massadores!... – faz, encolhendo as iras.

E depois, rebolando os olhos e com a ronha de respeitar arcanos

Ai, sobre esses dous anjos sempre ha cousas a contar!... M[illegible] de mim, sabe? não as saber[illegible]

Ora! Diga. E principie por essa historia de toda a gente os invej[illegible] lhes ter como que um odio abafado

Ella, então, começa:

P[illegible] conhece a razão disso?

[illegible] simples. E' por serem ambos umas perfeições de creaturas, gastarem do bom e do melhor, não terem nunca cara de tristes. Veja que arrecua d'invejosos!

Oh!... E que cousas são aquellas?

Muitas, muitas... Comtudo, como estou com a pressa que sabe, só lhe direi por agora – e por signal que é a primeira vez que o faço que elles não são mais os felizes de outros tempos [illegible] ha bastante tempo. Mas soffre-os como um valente, sim senhor! encobrindo a dor [illegible] Violante percorreu até ao dia de ser sua inteiramente. E veja como são as cousas. Esse caminho foi bem macio p'ra mim: pena foi, ai, que aquella linda não demorasse mais tempo nelle... Mas até logo. Vou-me pr'á egreja, que são hor[illegible]

[illegible] como cremos, essa nota soffredora do ferreiro Ricardo!

Deixámo-la, entretanto, ir com a Virgem; e di[illegible] depois, antes de procurar ouvi-la de novo, viem[illegible] a saber melhor das afflicções do Ricardo. Passamos a conhecer outros pontos da sua vida. E ficamos firmes em, daqui em deante, lhe espreitar o resto dos passos que der.

O caminho que Violante pisou antes de ser sua?... Como se lhe abria amplamente ao esbarrar com o vulto negregado de Thereza da Porta! Oh! e que grande castigo, esse, de vir encontrar aqui tal abantesma. Vir encontra-la assim longe de Guimarães, da sua antiga Subura, do sujo alcoice em que teve jungida a um mercadejo rendoso a carne primaveral de Violante!

Era o corvo - bem o presentira ao começo, melhor o via no momento - a [illegible] de dignidade matrimonial, lh'as cravar mais uma vez. E afinal essa Thereza da Porta fazia-lhe tal perseguição unicamente por vingança. Não explorava mais o conventilho! Mas vingava-se, por elle lhe haver arrancado Violante, por haver feito baixar o lucro do seu proxenitismo.

Ricardo tinha agora isso a ferroa-lo, a vasar-lhe amargor.

Entretanto, d'antes sentira-se tam feliz! D'antes, quando se juntaram e, por fim, sob um esbrazamento d'inebriados, se enlaçaram no altar, elle não tivera nenhuma agonia, o menor sobresalto, nunca se lembrara do que havia sido Violante. Ella era, ao tempo, uma imaculada, de regaço de açucenas e seio de rosa; era aquella imagem que lhe dava o illusionismo de, possuindo-a, se julgar o uno dos mortaes, ou o vulcano triunfador que acabava de fundir, ao perpassar das [illegible] mais!

Só depois é que chegaram os contratempos.

Começaram a verruma-lo, lá em Guimarães, os epigrammas vis de alguns vagos. A seguir, ajoujavam-no, estuantes como metaes em ebulição, os sarcasmos dos fulanos que o viam a passear com ella, a sua amada, dos que haviam fruido do amor daquella tanagra de alto coroplasta.

Que fazer para se livrar desses anavalhadores da sua felicidade? Fugiria de lá.

Mas tinha um emprego tam bom, tam bellamente pago... E os amigos? Tinha-os tam sinceros... E o apêgo á terra onde estava desde garotito, desde a manhan em que o pae, tambem ferreiro, o trouxe da sua alcantilada terrejola, para o officio?... Privar-se de tudo isso seria torturante, para, no entanto, a sua retirada não passar da de um sandeu!

Porém, a vergonha invade-o de subito inquisitorialmente, já se considera com o nome enodoado. Oh! e assim conspurcado, não tinha nem o direito d'encarar a luz do dia. Demais, a torpeza de Thereza da Porta passara a urdir, afim de, com muito ouro, arrepanhar de novo Violante.

Era a ruina a trepar ao seu apice, uma arma a tenta-lo... Logo, não havia outro remedio, retirava-se.

Arranjara antes, facilmente, uma collocação (tambem melhor official não havia, a sua fama rebaoava até outras provincias) e veio depois para aqui. Fugiu para esta terra onde, pensava, nunca chegaria a lobrigar, nem delle nem de Violante, uma unica cara conhecida lá de Guimarães; uma terra que lhes exhibiria a ambos, eternamente, arcarias de céo de turqueza e de rosetas d'ouro por sobre a sua nova casa simples, de em volta, como um lago de legenda, com a mais subtil paz terrena

Senão quando, chegara aquella miseravel da Thereza. Eis a desmanchar-se-lhe, em um relampago, essa miragem.

Queria dizer que, fugindo para um paraiso, fugindo para que o não tres-[illegible]
Todos viriam a saber logo o passado de sua mulher. Se a terra era tam pequena e se corria por ella, fatidicamente, o remigio d'aquella aza negra!... Era maior, [illegible] alacre, ou confundi-lo com passeiatas sob céos esplendentes e lentejoiladas de sensações [illegible] de certos passos dessa vida.

Aqui está elle nesta nevrose. Pelas alturas de vir a conhecê-la, é o barão [illegible] ber, á noute, emquanto a mulher e os filhos dormiam, no seu proprio solar - aquelle solar de tradições [illegible] Após, está com aquelle caixeiro-viajante, o Redondella, o maior excentrico da libertinagem, aquelle las-

carmo que, precedendo-a descaradamente em um passeio ao Porto, a larga, devido [illegible] [illegible] que queria te-la á viva força como sua. E antes, então... Eh, que nojo! Nem havia numero para contar os que a conheceram!

E levava o ciclope a denegrir-se sempre nessa lama, até que o vemos transformar-se, surgir, como por encanto, com uma generosidade christan.

Nada [illegible] se mordessem de raiva.

Era casado com uma mulher...? Que tinha lá isso! Elle devia mostrar, [illegible] clareza das aguas [illegible] o pedaço de pão

De resto, Violante, depois de ser esposa, é a companheira ideal. Toda se [illegible] dias de madrugada ella que, outr'ora, só o fazia quando o sol escaldava nos telhados e lá lhe amanha um caldo encorajador antes de elle ir, pelo frio cortante, para a officina. Trata do tecto com uma deligencia desenvolta ella que sempre mostrara engonha em todo o serviço — e ali lhe fornece um ambito de delicias, de conforto nunca sonhado. Veste com uma simpleza de madonna. Quasi não sáe. Não se diverte Que mais quer elle del [illegible]

E Ricardo alberga tudo isso com uma luminosidade carinhosa, porque sente que isso é que representa a verdade, a verdade a desvia-lo do lacanhal em que esteve para se afundar parolamente.

Mas, tam bella irradiação, com tam logico raciocinio, dura apenas o tempo de uns clarões de maravalhas. Oh! e os seus obsessores voltam em um instante.

E voltam de tal fórma que elle decahe logo, abruptamente, em tudo. Até na officina, onde fôra sempre o heroico e o impeccavel, tem esmorecimentos d'inhabil, falhas de aprendiz, parecendo um lapuz descido hontem das serras. No mais, é o mesmo decahir. A sua passagem para casa, ao recolher, fôra sempre uma rota de boas chalaças e agora, de tam esgueiriça e triste, parece uma fuga de degradado. [illegible]

[illegible]

Todavia, ella não sabe a origem desses contrastes.

Que tens, Ricardo? Dize-me a tua dor, essa dor que está a levar-te p'r'a [illegible] Serei eu a culpada [illegible] larga, que te faz ver em tudo vergonhas, escarneos?...

Constantemente o interroga assim, porém sem rezultado. Elle limita-se a, como resposta, lhe fixar as brazas dos seus olhos crepitantes, a lh'as applicar até se cobrirem de cinza e até ficar absorto, insensivel, como se de subito o tolhesse uma ankilose radical

Leva muito tempo neste desasocego, sempre porém confiante no amor do [illegible] Por que será? Por causa de outra mulher... Não! Sempre lhe espreitara as voltas e nunca vira outra a tentar sequer roubar-lh'o. Neste caso, é...

Nunca o sabe. Entretanto continua a ama-lo. Natural. E' o unico homem a quem deve veneração na terra! Que sacrificios não lhe tem elle feito!

Por isso não se poupa para o reerguer, para lhe inocular uma vida inteiramente nova.

Mas nada consegue. Não existe mais o brio no homem.

E dahi, elle cáe na lerdeza dos tunantes e pax vobis d'esquina, na passividade dos imbecis, no desdouro [illegible] como que obrigada a lhe retirar o amor e a se enojar tambem era de mais — da sua parceria.

P'ra remate do destroço, elle perde, uma tarde, os braços na officina. Foi pouco antes de despegar o serviço, do serviço a que então, para desfastio [illegible]

quando faltava a brôa, só de longe a longe comparecia. Estava a servir de chegador (como havia descido um primeiro official) quando o companheiro, com quem tinha o seu teiró, lhe deixa resvallar o martellão sobre os punhos. A pancada não podia ser mais terrivel, as mãos ficaram completamente trituradas, para ali em um esfacelo lastimoso.

Esta nova desgraça do marido abalou-a um tanto. Afinal, era bem desgraçado. Era preciso passar a tratá-lo o melhor possivel. Era mesmo uma obra de caridade.

Elle assim invalido, só ella é quem tem de trabalhar. E trabalha: primeiro, emquanto tem o reflexo casto do lar, na officina da costureira Ermelinda; depois..., era muito mais commodo e lucrativo, em casa da Thereza da Porta, que, com'assim, não quiz acabar com os ossos sem tornar a ser ali proxeneta.

Nisto, o aniquilado tem o piéguismo de amar outra vez a esposa. Pois ella trata-o tam attenciosamente! Na occasião é que notava o quanto é sua amiga. E desconfiar elle da sua fidelidade... ter medo, como o teve antes de se aviltar, de que ella lhe fugisse, de que lh'a tomasse a Thereza da Porta... A Thereza era uma santa... Oh, como tudo isso fôra baixo!... E fôra certamente devido a essa sua injustiça que tivera o merecido castigo de ficar sem as mãos!

Deixa-se ir nesse andar. Cuida que Violante se sacrifica, que trabalha mais do que lh'o permittem as forças.

E, sob esta ideia de a julgar em trabalho demasiado, de a ver fatigar-se desta fórma para elle viver como um malandro, se revolta, se anathematisa furiosamente. Ella, uma camelia a ter-se como que coagida a sustentá-lo... Podia lá ser! Procuraria [illegible] se a não arranjasse; se ninguem quizesse o maneta, iria esmolar!

Mas a mulher, sciente de que elle tem o costume de falar só, selecciona a miudo a occasião de o surprehender nesse monologo afim de, com o seu azebre de corrupta, lh'o fazer diruir em covardias, e ele ter de se lançar, irremediavelmente, á resignação dos derrotados. Assim lhe convinha para o não ter á espreita.

— Olha, Ricardo, é escusado; tu não pódes mais trabalhar. E então isso d'ires pedir esmola... Nunca o consentirei! Não me tens a mim p'ra trabalhar e p'r'o ganhar honradamente? Eu tenho esse dever desde o dia em que ficaste sem mãos. O dever, ouves? A mulher, em um caso destes, faz as vezes do homem.

Entretanto, elle não tarda a saber que a esposa não cose mais na officina, que não tem mais a lida honesta, que passou a frequentar a casa de Thereza da Porta... Seria verdadeira, e estaria bem informada, a pessoa que lh'o disse?

Quer falar a respeito á mulher, a esse ora anjo ora demonio, quer saber da realidade, embora essa realidade lhe venha quebrar o ultimo encanto, venha feri-lo lethalmente. Violante, todavia, sempre com desvios estudados, não lh'a revela, descose-se em rodeios embahidores, atira-se ás invejosas, essas linguas putridas que levam só a querer manchar as honras limpas como a sua.

Deante disto hesita muitos dias, monotono como um pendulo: "Estará mesmo culpada... estará?" Finalmente, como o seu amor renascido o céga, convence-se de que Violante, a linda esposa, continua, sem nodoa, a trabalhar na officina. [illegible] estrelas pequem no minimo fulgor.

De certo. Nunca saiia. Não sabia de novidades, nem mesmo consentia que lh'as levassem...

E' o seu grande sonho aquele de pensar que ela é imaculada, uma poça de virtudes. Sonho que o faz passar os dias, entre as paredes do seu quarto, sem a lembrança do mundo, sem saudades das suas [illegible]. A unica cousa de que tinha saudades, e pela qual derramava a miude, intimamente, lagrimas sufocantes, era a oficina. Mas essa era do mundo dos seus afectos...

Ah! aquele [illegible] serpente, ah! como fervilhonava, como fremia á semelhança de mar, como entontecia com alegrias sans os que labutavam no seu ventre!...

E' que já o não julga, como nos seus ultimos tempos de trabalho — de trabalho semeado em fibras e nervos, uma caverna de [illegible], perpetua de[illegible] existencias sem luz [illegible]. Aquela caverna de goelas d'inferno a vomitarem um fogo perenne, de sugar o sangue e pergaminhar a

pelle; de bigornas a entaiparem em um apice os ouvidos com a sua sonancia insistente; de martellos que fazem vergar os mais erectos bustos; de cargas de ferro que amassam o deltoide dos miserandos *ferrugens* no mesmo dia em que se iniciam no seu transporte incessante.

Nesta hora a officina apresenta-se-lhe como um recanto celestial, com deslumbramentos magicos nas suas labaredas, toadas sonorosas nos seus martinetes e pilões, com fornos cujos seios rubros, ao serem espicaçados pelo espetão, têm reverberos de fazerem emeninecer os corações murchos de fantasias.

Violante, entanto, como elle não sáe e leva para ali a um canto, feito um estropalho, prosegue a mercadejar o seu amor em casa de Thereza da Porta, andando quando calha, pelas ruas de maior voga da terra.

Até que, já de todo deslavada, passa a faze-lo em sua propria casa, em um quarto pegado áquele em que o pobre está emparedado.

Ricardo descobre-o logo á primeira entrevista. A mulher vem da rua, pelas horas do sol a escaldar: sóbe a escada de manso e de modo a não baterem as solas dos seus sapatos; atravessa o corredor ainda com maior precaução, em bicos de pés; e, pousando a mão, com a leveza de um diptero, sobre a chave da porta delle, corre, por fóra, a lingueta. Volta á escada, ainda com tenuidade, e, ao topo, chama: "Thiago, ó amor, sóbe!„ E um corpo mastodontico faz ranger, sob uma impressão de aluimento, os degráos da madeira carunchosa. Por fim, ouve um beijo, dous, uma revoada de beijos.

Como o invalido soffreu. Oh, ser assim ultrajado!...

Mas elle era quem tinha a culpa. Pois era acceitavel, decente, viver á custa de uma meretriz, amar uma meretriz, ser casado com uma meretriz?! Esta objecção nem um refinado chulo, desses cuja raçaga de vida é toda lardeada de monstruosidades, seria capaz de praticar! Depois, tivera tempo de sobra para evitar esse ultraje. Porque razão não fugiu ao lhe dizerem que ella não tinha mais a vida honesta de costureira? Não acreditára... deixára-se levar pelas cantigas della, sonhára... e prompto!

E, que palerma, só agora notava que Thereza da Porta nunca deixára de o seguir! E ella, mudamente, feita toupeira, a surripiar-lhe os ultimos ecos de felicidade!... Porque para elle, havia sido essa megéra quem enlameou mais uma vez Violante. Nem mais nem menos. Eis o milhafre que tanto havia notado em tempo, mas que esquecera em dado momento, a cravar afinal as garras na ave que lhe havia fugido!

E Ricardo, o antigo vulcano, o vulcano que a todos alumbrara com o seu entono de forte, de victorioso, — geme, ennovela-se, arrepela o ensilvado cardo dos seus cabellos, semi-cerra os olhos com a intensidade dolorosa de quem abomina toda uma existencia, esfumaça a mascara do maior dos travores.

Comtudo, depois, — pobre diabo! — não se contorce nelle senão o pusillanime, não lhe lateja uma estria que o possa desalojar daquele infortunio ignominioso.

A adultera nota, no mesmo dia, que o marido havia dado pela entrevista e então, receosa, não dorme lá.

E, todavia, podia te-lo fetio, porque, quando ella lhe disse aquela mentira: "Não me esperes hoje, que tenho serão até tarde„, elle estava calmo, sem o minimo vestigio de tentar desforço, sem o desejo sequer, pelo visto, de a acrimoniar com rosas!

"Ai elle é isso... — volta ella então. Elle faz ouvidos moucos? Pois não ha nota, continuarão lá os encontros, a rica vidinha! Que, ao cabo, isso de ter d'ir todos os dias tam longe, a casa da sr.ª Thereza, é uma arrelia bem fina„.

E logo no dia seguinte tem outra entrevista. Quer mostrar que cumpre aquillo sem o menor receio. Oh! e assim o demonstrou, atiçando um cambiante denso da sua desfaçatez.

Sóbe á vontade com o homem, — um santarrão casado que a tinha de olho de vespera — encarreira-o pela saleta sem lhe recommendar que annulle o rumor dos passos e, a conversar alto, a derreter-se em uma desenvoltura de ciosa entra mais elle no quarto.

Ricardo, que está no seu buraco, onde aliás, por uma teimosia de lapuz, está quasi sempre, observa tudo, trémulo, perplexo, horrorisado com tanta vileza, succumbido com tamanho opprobio. Mas, mal ouve os dous fecharem a porta, estoura:

— É de mais! Não posso continuar a aturar-te, ó cabra, ó maior das desavergonhadas!

Torvo assim — os olhos em agudez de punhaes, os dentes cerrados, o massetér a moldar-se sobre o pregueado do mento — corre para a sua porta, desanda a caravelha com os tocos dos seus miseros braços mutilados e, como um acossado d'esconderijo, chega ao tapigo que resguarda a mulher e o outro.

Estes, quando o ouvem, sáem de roldão, fogem covardemente. Não obstante, avança, persegue-os naquelle desvairamento, a boca a amassar um odio de morte e a deixal-o escorrer, em fios de baba, pelos cantos premidos.

Mas, que poderá fazer-lhes? Elles já desceram a escada... já estão na rua...

Então, retido o seu avanço, grita do patamar:

— Ó canalhas! Se eu vos apanho!...

Os dous atiram-lhe facecias, já de longe, e elle, no sublime da colera:

— Ai, vós rides? Ai, vós ainda escarniçaes por cima?... E olhem tambem a rir acolá a Thereza da Porta... Já cá faltavas, abutre! Logo vi que havias de ser implacavel commigo até á ultima!... Mas não ha duvida, esperem todos ahi, esperem, mostrengos, que eu vos escacarei os miolos!

E o mutilado, sob a hipnose da vingança, bota os pés na escada a pique e sem corrimão e, precipitado, perde alguns degráos, rola, rebenta a cabeça em umas pedras do chão, emquanto, que, lá a perder de vista, se amortecem as ultimas gargalhadas dos tres.

Costa Macedo

ARCO-IRIS

Todo o dia choveu — mas escampara
e o céo ficou de uma belleza rara:
por sobre a aldeia, azul; sobre a montanha
nuvens expessas, de apparencia extranha
toldavam-lhe o cariz, e enovelladas
algumas, muito brancas; roxeadas,
escuras e cinzentas, outras; fundas,
severas e sombrias, iracundas
tinham todas no bojo collossal
a ameaça de um rijo temporal.

A crista do Marão, ao longe parecia,
no esbatido fugaz da altiva serrania,
a cerviz d'um Titan, espadaúdo e forte,
pisando sobre a terra e a servir de supporte
áquella maravilha artistica e divina.

epopeia de luz esculpida em neblina
pelo genio talvez e pela mão de Oziris.

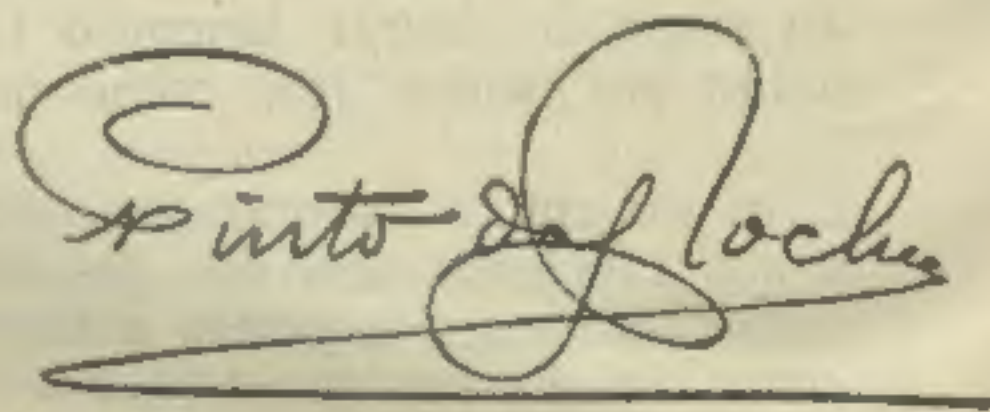
De repente, no céo, formou-se o Arco-Iris.

E sobre a mancha extensa, avelludada e turva
das nuvens triumphaes, a colorida curva
dava a doce impressão de um lucido sorriso
pondo a ruga gentil de um transparente friso
na carranca infernal de um monstro gigantesco.

O dorso da Gralheira, asperrimo e dantesco,
apertado no verde escuro dos pinheiros,
como em cota de malha o corpo dos guerreiros,
ao receber o vinco avermelhado e largo
tinha a rude feição de um gigante em lethargo,
quando cae com a fronte energica e bizarra
ferida por um golpe hostil de cimitarra.

As nuvens novellando os nimbos sobre o monte
tomam a forma audaz do grupo de Lacoonte.
Parece o arco, então, a terrivel serpente
apertando os anneis de ferro incandescente
ao corpo dos heróes que o genio mantuano
eternizou no verso altivo e soberano.

Ensina a tradicção que o Arco da alliança
surgiu no azul do céo no dia de bonança
em que a Arca parou, cheio de vida e fé,
levando, como um sonho, a alma de Noé
ao cume do Ararat; lançou-o Deus no espaço
como um penhor leal, como um divino abraço.

E as nuvens, ao soprar das doces virações
e aos caprichos sem fim das lentas mutações
tomavam pouco a pouco a forma de uma barca
como aquela em que andou o antigo patriarcha.

Sobre a montanha adusta e sobre o céo tão torvo
quedou-se o meu olhar a vêr se o velho corvo
desprenderia o vôo a rumo do infinito;
se das azas da pomba o tatalar bemdito
iria pelo espaço, em busca da oliveira;
se a biblica figura austera e sobranceira
que as aguas do Diluvio aos céos alevantaram
desceria a plantar as vinhas que medraram
e em sagrado licor a Egreja converteu
quando o primeiro altar á Cruz de Deus ergueu.

Passando sobre a aldeia a linha luminosa
nas montanhas assenta a curva graciosa
e aos meus olhos assim parece que se envasa
num enorme açafate um semi circo em asa
coberto de setim em lucidas volutas
e a trasbordar de luz, de flores e de fructas.

Passa junto de mim um lavrador curvado
pela neve das cans dos dias do passado;
e ao vêr ao fim da tarde o annel que o Sol encrusta
na esphera triumphal da vastidão augusta,
encantado estacou junto ao muro da quelha,
fitando o olhar sem luz na luz do Arco da Velha,
feliz de vêr ainda ao termo da existencia
no fundo da sua alma a mesma transparencia,
um iris semelhante áquelle que esmaltava
o cobalto do Céo quando o dia expirava
na dor crepuscular, nostalgica e convulsa
que crepita na luz e que nas seivas pulsa.

Depois desfaz-se a curva e esbatendo-se as côres,
espalham-se tambem os tumidos vapores;
de novo o azul se tolda e a expessura de um véo
extenso e negro encobre o azul de todo o céo;
a chuva recomeça e outra vez a tristeza
da mesma dôr profunda envolve a natureza.

Canavezes, Novembro, 1911.

Pinto da Rocha

BIBLIOGRAFIA

Publicações recebidas:

"Nova Sapho" — Tragédia extranha — Visconde de Vila-Moura.
"A Escarpa" — Tragédia moderna — Almáquio Diniz.
"Ritmos do Amor e do Silêncio" — Nobre de Melo.
"Estrelas que se apagaram" — Jerónimo de Almeida.
"Eu" — Augusto dos Anjos — Rio de Janeiro.